



Fernando Henrique dos Reis Pereira entrou no ITA em sua primeira opção, Eletrônica, mas mudou para Computação após o ciclo básico. Ao formar-se trabalhou nessa área e, atualmente, está indo para a Petrobras. Ele considera que está realizando uma grande mudança, porque isso vai exigir muitos novos conhecimentos, e acrescenta que o bom da Engenharia é exatamente essa liberdade que possibilita a você trocar de área.

► Fernando Henrique dos Reis Pereira

“É difícil encontrar algum amigo meu que não esteja bem na área que escolheu.”

JC – Além do ITA, quais outros vestibulares você prestou?

Fernando – Prestei Engenharia na Poli, Medicina na Unifesp, e FGV, no meio do ano, para ver como era a prova. Meu foco era Engenharia, principalmente o ITA.

Medicina, você prestou como treino?

Mais como treino. Há aquele espaço entre provas de vestibular e eu achava que era bom estar sempre aquecido. Não queria ficar parado e não existe melhor treino do que fazer a prova do vestibular.

Quando o ITA se tornou sua principal opção?

Quando entrei no Etapa eu não sabia o que era o ITA. Fiquei sabendo quando estava resolvendo exercícios. Normalmente, a primeira coisa que você verifica no exercício é a faculdade. Vi um exercício de Química que era do ITA, e nunca tinha ouvido falar dessa faculdade. Pensei que não seria difícil, mas era uma questão chata pra diabo. Foi assim que descobri o ITA, soube que era da Aeronáutica e que era muito renomado em Engenharia.

E você conseguiu resolver a questão de Química?

Resolvi.

Como chegou à Engenharia da Computação?

Eu entrei no ITA na minha primeira opção, Engenharia Eletrônica, que escolhi porque meu pai tinha feito Elétrica na FEI. Estava seguindo um pouco o caminho da família. No ITA, no final do 2º ano, quando termina o ciclo básico, que é igual para todas as Engenharias, você consegue trocar sua

Engenharia, se tiver nota. Eu percebi que Computação era mais o meu estilo do que Eletrônica e mudei.

Como foi sua luta para conseguir entrar no ITA?

A minha preparação no 3º ano foi muito dedicada ao reforço para o ITA e a resolver as provas dos vestibulares anteriores. É muito importante você conseguir pegar o estilo da prova. Além disso, nos três anos de colégio, participei de muitas aulas para as olimpíadas de Matemática e de Física, o que me ajudou a ter base muito forte nessas matérias.

Como foi seu início em São José dos Campos, no CTA?

Foi bem mais tranquilo do que podia imaginar. Apesar de ser uma base da Aeronáutica, você não leva uma vida

Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Engenharia da Computação	1
conto	4
Uma noite do século – Álvares de Azevedo	4
artigo	6
Pesquisa analisa pecuária na Amazônia	6
entre parêntesis	7
Senhoras não revelam idade	7
pois é, poesia	8
Castro Alves	8

militar lá dentro. Muito pelo contrário, é como se fosse uma grande república. Acaba até sendo uma vantagem morar na base militar, porque dá um sossego que você nem acredita, o fato de a gente dormir com a porta aberta, não se preocupar com segurança. O que na época foi realmente muito chato foram os trotes. A minha turma foi das últimas a pegar um trote médio; está bem tranquilo hoje em dia.

E com relação aos estudos, o que mudou?

Eu era bem mais disciplinado na época do colégio do que na faculdade. Faculdade dá mais liberdade e você tem de saber lidar com ela. Outro fator é que a didática não é a mesma do professor de um colégio. Mas, no final de contas, o que resolve tudo é abrir o livro e estudar. Ali, e em qualquer faculdade de Engenharia, se não estudar você fica. E o ITA tem um rigor muito grande com nota. A média mínima para passar é 6,5 e acumular mais de duas DPs por semestre resulta em truncamento. Se você tiver uma nota abaixo de 5 em uma das seis, sete matérias do semestre, em tese, pelo regulamento, é desligamento da faculdade.

Em tese. E na prática?

Na prática, eu vi gente sendo desligada por isso. Mas é difícil, porque eles preferem pelo menos dar uma chance para a pessoa fazer uma prova.

Quais foram as principais dificuldades no início do curso?

São muitas matérias e eu achava que faltava tempo ao longo da semana para estudar. Eu tinha atividades extracurriculares até demais. Em uma época até parei com essas atividades porque estava ficando sobrecarregado.

Quais eram suas atividades extracurriculares?

No 1º, 2º ano, até o começo do 3º ano, fui representante de classe. Não é tão extracurricular, era mais servir como intermediário entre a sala e o professor. Por exemplo, para definir com a turma e os professores o calendário de provas. Também fiz parte do centro acadêmico durante os três primeiros anos da faculdade. Cheguei a secretário geral no 3º ano. Por volta do 3º ano eu entrei numa iniciativa, o CASD Vestibulares (Curso Alberto Santos Dumont), um curso que os alunos do ITA dão em São José dos Campos para pessoas que não têm renda para pagar cursinho. Comecei dando auxílio administrativo na parte financeira e durante uns três anos fui professor de Geografia. Na verdade, ser professor de Geografia era meu *hobby*, momento de me desligar da parte de Exatas, do mundo da Engenharia. Quando comecei a dar aula não consegui mais parar, era muito divertido.

Alguma outra atividade?

Fui do departamento de ordem e orientação do centro acadêmico.

O que é isso?

No ITA existe uma doutrina de disciplina consciente. Como se fosse um código de honra, você assume que não vai colar em prova, que vai agir sempre com honestidade. A gente tem uma certa autonomia dentro do ITA e, se alguma pessoa sai da linha, nós mesmos cobramos e damos um parecer. O departamento de ordem e orientação, entre outras coisas, analisa os casos que o ITA apresenta envolvendo cola. Lá, a cola é rigorosamente punida. A política, se você for pego colando, é desligamento. É uma política que funciona. As

pessoas que entram são honestas.

Quais matérias você teve em cada ano do curso?

No 1º ano foi principalmente Cálculo e Física. No 2º ano eu tive a primeira matéria de Computação, a básica para todos os cursos, e ainda muito Cálculo, muita Matemática, muita Física, o final da parte de Mecânica, algumas matérias como Resistência de Materiais, Termodinâmica, Oficina Mecânica. É o básico para todo mundo. No final disso você vai para o ciclo profissional. São três anos focados na Engenharia que você escolheu.

Você foi para a área de Computação. O que estudou nessa área?

O 3º ano, primeiro ano do profissional, é praticamente Eletrônica. Tem uma ou duas cadeiras de Computação e o resto são cadeiras de Circuitos Digitais, Circuitos Analógicos, Circuitos em geral. Quando vão acabando as cadeiras de Circuitos, você tem a cadeira de Controle e Automação, no primeiro semestre do 4º ano. Tem a cadeira de Microprocessadores, como se fosse continuação de Circuitos. No segundo semestre do 4º ano, a Computação domina. Tem um foco muito grande na parte de *hardware*, na parte de eletrônica.

E o 5º ano, último do curso?

O 5º ano é o relaxamento supremo e é também o momento de definir para onde você vai. Se vai continuar na Engenharia, se vai mudar de área, se vai para a área financeira, se vai para a área administrativa, se vai para o governo, dependendo do caso. Na maior parte dos cursos, há a opção de tirar seis meses para se dedicar a estágio. A maior preocupação é fazer o trabalho de graduação.

Então, a carga de matérias é menor?

Bem menor. E são matérias de final de curso. Entram Direito, Administração, Economia. São matérias que o engenheiro precisa saber, estão na grade do MEC, mas não são o foco do curso, são bem tranquilas.

Onde você fez estágio no 5º ano?

No primeiro semestre de 2008, eu fui para a Universidade Federal de Minas Gerais, onde fiz um curso de extensão que era patrocinado pela Google do Brasil e que contou como estágio. Meu trabalho de estágio acabou sendo muito mais acadêmico do que uma experiência profissional. Fiz um pequeno buscador *web* desde o começo: pegar uma máquina, indexar conteúdo da internet e, no final, entrar numa página, digitar e ter o retorno de uma lista de resultados. Foi muito legal esse trabalho. Inclusive, foi em cima dele que fiz meu trabalho de graduação. O título era "Análise de otimizações para buscadores *web*". Eu peguei os resultados que tinha conseguido com meu *web* e fiz uma revisão, analisando o que funcionava, o que era melhor e o que era pior em matéria de desempenho. Gastei quase o ano inteiro nisso. Grande parte do primeiro semestre foi fazendo o trabalho e o segundo semestre foi dedicado a analisar e redigir.

Você se formou e conseguiu emprego imediato?

Consegui. Foi bem tranquilo no meu caso. Eu me formei no dia 12 de dezembro e no dia 5 de janeiro comecei a trabalhar.



Em qual empresa?

Local Web. Na área de hospedagem de sites é a maior do Brasil. Fiquei lá 1 ano e 8 meses. Estou saindo agora.

Na hora de obter esse posto de trabalho, o que diferenciou seu currículo dos demais?

As pessoas olham engenheiros do ITA, da Poli e da Unicamp com outros olhos.

Em que você trabalhava?

Fiz um pouco de tudo. Tive a felicidade de entrar numa área muito generalista, que é revenda de hospedagem. Nessa área trabalhei um pouco com desenvolvimento, um pouco com administração de sistemas, um pouco com suporte a cliente. Só para resumir, muita linguagem diferente, sistemas diferentes, muito abrangente. Foi uma experiência boa e ruim. Boa porque depois que passei um ano e pouco nessa área tive uma visão muito grande de toda a parte de hospedagem. Ruim porque, quando você sabe um pouco de tudo, sabe muito de nada. Estava na hora de sair dessa área.

Antes de você deixar o trabalho, como estava sua atividade?

Passei os últimos meses na área de testes de qualidade de *software*. Há várias etapas em um projeto. Depois da etapa do desenvolvimento, e antes de ir para a produção, antes de estar disponível para os clientes, tem uma etapa intermediária, etapa de qualidade. A gente testa o *software* para ver se ele está atendendo aos requisitos. Tanto o que foi acertado para ele ser feito quanto para ver se não há nenhum *bug* de segurança, de performance.

O que vai fazer em sua nova ocupação?

Eu prestei concurso, passei e estou indo para a Petrobras. É uma mudança grande. Eu vou para ser engenheiro de petróleo. Estou abandonando a área de computação e indo para uma área muito mais voltada para materiais, mecânica. Existem algumas especialidades que eu posso escolher. Inicialmente, agora em setembro, vou para Salvador fazer o curso de formação da Petrobras.

Quanto tempo dura o curso?

Contando com um mês de palestras, dá 10 meses. É como se estivesse voltando para uma universidade. Vou ter aula de segunda a sexta-feira, matérias diversas de Engenharia e, no final, dependendo de minhas notas, poderei escolher entre as vagas disponíveis. Na faculdade já tinha passado por algumas cadeiras de resistência de materiais, mecânica geral, mas é pouco para a área de petróleo. Vou aprender muita coisa agora.

Qual é a perspectiva de atuação profissional de um engenheiro da computação?

Você sai de um curso de Engenharia da Computação com a imagem de que está teórico demais e prático de menos. Acho que meus colegas que se deram melhor nessa área são aqueles que estagiaram o máximo que puderam em computação ao longo do curso. Eles botaram mais a mão na massa e conseguiram conectar o teórico com o prático. A área de computação evolui muito rápido. Quando eu entrei na Local Web não sabia muita coisa sobre administração de sistemas. Eu me esforcei para aprender ali, na hora. Você sai correndo atrás e tem de estar sempre aprendendo o que

surge de novo.

Ainda em relação ao mercado de trabalho, o que você diria da Engenharia como um todo?

O mercado de Engenharia está bem aquecido. Tem muita vaga para engenheiro, que em geral é um profissional que serve para tudo. Muita gente termina o curso certa de que vai fazer tudo na vida, menos Engenharia. Vejo na minha turma, metade foi para outros caminhos: área financeira, área bancária, fundos de investimentos, consultoria em cargos administrativos. Mas quem ficar em Engenharia vai ver que no mercado atual o que não falta é emprego. Em computação falta gente. Quando surge uma vaga, por exemplo, para desenvolvedor numa empresa, o pessoal sai caçando. Do tipo: "Você conhece alguém? Tem um amigo que esteja familiarizado com isso?" A minha impressão é que o pessoal que está sendo formado não dá conta. Engenharia da Computação realmente está crescendo muito.

Como você avalia sua caminhada até aqui na carreira?

É lógico que quando muda de área você fica com um frio na barriga. Mas estava conversando com um colega; ele chegou a uma conclusão: "Se não der certo, a gente troca de novo." O bom da Engenharia é que ela dá um certo grau de liberdade para você trocar de área.

O que ficou com você do período em que estudou no Colégio Etapa?

Eu gostei muito do colégio. Praticamente não saía daqui. Sinceramente, o Etapa foi muito importante para mim. E eu tive a oportunidade de fazer aqui infinitas aulas de reforço, não apenas para o ITA. Eu fazia as aulas para olimpíadas de Matemática e de Física. Fiz aula de grupo de Filosofia. Aqui realmente foi o período da minha vida em que eu mais gostei de estudar, tive mais satisfação em estudar. Tenho boas recordações, principalmente porque tive a felicidade de manter o grupo de amigos que fiz aqui.

O que você diria a quem está pensando em prestar ITA no fim do ano?

Primeiro, que se informe bastante. A pessoa tem de se preocupar porque o ITA está longe de ser fácil, exige muito esforço. Mas, se é o que quer, se você se sente bem em Exatas, faça o ITA, que ele recompensa. Hoje, é difícil encontrar algum amigo meu que não esteja bem na área que escolheu. Como o vestibular é muito difícil, a seleção acaba sendo muito cuidadosa.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
